Fazer ficção – *fixão*[1] do trauma[2]

CHRISTIAN DEMOULIN

A PALAVRA *TRAUMATISMO* APARECE EM 1855, um ano antes do nascimento de Freud[3]. Trata-se de um vocábulo ligado ao contexto da revolução industrial, das estradas de ferro e dos acidentes de trabalho. No início, *traumatismo* é um termo cirúrgico que remete às idéias de lesão e ferida[4]. Daí, passa-se à idéia de um traumatismo interno e, em neurologia, de traumatismo craniano. Charcot defendia a idéia de uma histeria traumática masculina, causada pelas emoções suscitadas pelo traumatismo (terror) mais que por um traumatismo propriamente dito[5]. Para Charcot, tratava-se de um grande e único pavor, como, por exemplo, aquele causado por um acidente em uma estrada de ferro.

Freud e Breuer estendem o conceito à histeria feminina comum, ressaltando que nela não se trata mais de um trauma único, e sim de uma série de traumas menores: pavor, vexame, decepção. Dessa forma, nasce, em 1892, a teoria do *traumatismo psíquico* que até hoje faz sucesso[6]. Freud, entretanto, seguiu outra pista sem Breuer. Desde *Manuscrito A*, também de 1892[7], evoca como fator etiológico das neuroses "os traumatismos sexuais sofridos antes da idade da compreensão".

Com efeito, Freud se empenhou em dar ouvido ao discurso das histéricas. Ele buscou a causa em um acontecimento e teve a intuição de que essa causa era sexual. Conclui inicialmente em termos de um trauma sexual que incrimina o pai: a um pai perverso corresponderia uma filha histérica. Conclusão precipitada, que confessa a Fliess na *Carta 69*, de 21 de agosto de 1897: "Eu não confio mais na minha *neurótica*"[8]. A teoria da sedução pelo pai terá a mesma sorte do célebre caldeirão: "Não é o pai, então é a babá. Não é o pai, então é a criança perversa polimorfa. Não é a realidade, é uma fantasia. Não é o acontecimento em si, mas sua recordação, num *só-depois* (*Nachträglich*)". Para fazer certa média, Freud acrescentaria em 1924[9] que a teoria da sedução conserva certo valor etiológico. Ao buscar a verdade, Freud descobre um caleidoscópio: tudo se complica e é necessário tirar daí uma lição: no nível inconsciente, nada permite fazer a distinção entre uma fantasia e um acontecimento vivido; existem lembranças encobridoras[10].

[1] Tradução de "fixion", neologismo forjado por Lacan (1966, p. 483) que produz um equívoco entre ficção e fixação.

[2] Trabalho apresentado nas Jornadas da ACF. Trauma e fantasia. 1997; Bruxelas, Bélgica.

[3] Bloch & Von Wartburg. *Dictionnaire ethymologique de la Langue Française* (1975)

[4] Littré *Dictionnaire de la Langue Française* (1883)

[5] Charcot. *Leçons sur lês maladies du système nerveux* (1890)

[6] Freud. Pour une théorie do attaque hystérique (1892)

[7] Freud. *Naissance de la Psychanalyse* (1969)

[8] *Ibid.*

[9] Freud. Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense (1896, nota de 1924).

[10] Freud. Sur lês souvenirs écrans (1899)

Certos pós-freudianos deduziram daí, em um gesto platônico, que o acontecimento não existia e que as histéricas nada mais eram que fabuladoras. Com essa dedução, reconciliaram a teoria com a tradição psiquiátrica pré-freudiana, por exemplo, a de Lasègue. Este, um excelente clínico, publicou em 1881 um artigo intitulado *As histéricas, suas perversidades, suas mentiras*[11]. O mérito de Freud foi aceitar o que outros poderiam considerar ingênuo: entrar no discurso da histérica. Lacan o confirma no seminário *O avesso da psicanálise*: não dá para fazer uma análise sem passar pelo discurso histérico. A ingenuidade de certa confiança no discurso é a condição da análise[12].

Freud não permanece aí. A análise de *O Homem dos Lobos* o leva a buscar, apesar de tudo, o acontecimento sexual vivido por trás do sonho-fantasia repetitivo que parece ter papel central na sua sexualidade e na sua neurose infantil[13]. O desafio é polêmico: trata-se de calar Jung e Adler, que negavam a importância da sexualidade infantil. Talvez esse seja seu texto mais extraordinário, porém, nos termos do próprio Freud, a demonstração não é nada convincente: hesitação quanto à data da "cena primitiva", quanto à sua natureza (os pais? os cães?) etc. A isso se acrescentam as críticas externas. Antes de tudo, a "neurose" do homem dos lobos desemboca em um episódio de paranóia com tema hipocondríaco. Em seguida, será que é mesmo justificada a inversão de Freud com relação à imobilidade do sonho dos lobos transformada nos movimentos do coito? Não teria ele desconhecido a referência à morte onipresente na história do paciente? Enfim, em 1973[14], o próprio "Homem dos Lobos" põe em dúvida a construção de Freud.

Com relação ao "Homem dos Lobos", Lacan é mais prudente do que Freud. Ele enfatiza a alucinação do dedo cortado e da foraclusão da castração[15], bem como reconduz a cena primitiva a um "fato factício": a estranheza da desaparição e da aparição do pênis. Para ele, o sonho-fantasia é mais importante que o acontecimento reconstruído: a aparição dos lobos representa a perda do sujeito e o seu olhar fascinado é o próprio sujeito[16].

Voltemos a Freud e ao trauma. Em 1919, as neuroses de guerra abalam a teoria sexual. É o retorno da neurose do pavor, segundo o modelo de Charcot. Freud a integra a sua teoria graças ao conceito de libido narcísica[17]. Disso decorre a ampliação do conceito de trauma feita em 1920 em *Além do princípio do prazer*: "chamamos de traumáticas as excitações externas suficientemente fortes para produzir um rombo na paraexcitação"[18]. Nesse sentido, todos nós somos poli-traumatizados em diferentes graus, servindo o menor sonho para ligar a

[11] Lasègue *Les Hystériques, leur perversité, leurs mensonges* (1881).

[12] Lacan. *Le séminaire, livre XVII L'envers de la psychanalyse* (1964).

[13] Freud. Extrait de l'Histoire d'une névrose infantile (1918)

[14] Obholzer. *Entretiens avec l'Homme aux Loups* (1981)

[15] Lacan. Réponse au commentaire de Jean Hyppolite (1954).

[16] Lacan. *Le séminaire, livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964)

[17] Freud. Introduction à la Psychanalyse des névroses de guerre (1984).

[18] Freud. Au-dela du principe de plaisir (1920)

excitação do acontecimento da véspera, para torná-lo compatível com o desejo de dormir, segundo o princípio do prazer. É nesse sentido que o sonho é um "pesadelo mitigado", conforme a expressão de Lacan.

Para Freud, o sonho repetitivo que segue o trauma é o testemunho de um real, o da pulsão de morte. Qual é, então, a especificidade do trauma sexual? Em 1920, Freud imagina que a pulsão é um arrombamento, que ela é um traumatismo interno. Ele abandona esse ponto de vista em 1926 em *Inibição, sintoma e angústia*[19], ao dizer que é a angústia e não a pulsão o agente perturbador, angústia que remete à angústia de castração no homem e à angústia de perda de amor na mulher.[20]

O percurso de Freud vai do acontecimento traumático à fantasia e, em seguida, à pulsão e à angústia. Há, todavia, um percurso que vai da fantasia ao acontecimento traumático. É isso que tenta com o *Homem dos Lobos*, e é isso que faz, com sucesso maior, em *Bate-se numa criança*[21]. Nos dois casos, o evento traumático construído com base na fantasia não é um evento em que o sujeito é vítima na realidade. Ele é testemunha da cena: relação sexual dos pais *more ferarum*, num caso; violência do pai para com um rival, no outro. Neste, a cena nem é sexual; ela se torna sexual posteriormente (*Nachträglich*), na fantasia inconsciente. Freud não apresenta um caso que permita estudar as conseqüências no plano da fantasia de uma violência grave, sexual ou não, na realidade.

Antes de nos referirmos à posição de Lacan sobre o assunto, evoquemos o trabalho de Otto Rank, de 1924, *O trauma do nascimento*[22]. Apesar de seu caráter redutor, esse é um livro importante que testemunha a pesquisa sobre o que Rank chama "o substrato real" por trás da fantasia. Tornar o traumatismo do nascimento o real derradeiro não é convincente. Serve mais para ser tomado como o mito pelo qual Rank introduz a questão do desejo da mãe que Freud desconhece: Rank revisita *Totem e tabu* à luz dos trabalhos de Bachofen sobre o matriarcado. No âmbito clínico, Rank estima que, ao se desligar do objeto libidinal representado pelo psicanalista, o paciente reproduz sua separação de seu primeiro objeto libidinal, ou seja, da mãe. O fim do tratamento repete o trauma primitivo. Mas esse desligamento só é possível se, desde o início do tratamento, a técnica analítica o ponha em ato: "Não apenas o paciente sabe a cada instante que o tratamento deve ter um fim um dia ou outro, mas que cada momento do tratamento exige dele, de forma minimizada, a repetição da fixação e da separação, até o momento em que poderá finalmente enfrentá-la de forma definitiva". A posição de

[19] Freud. Inhibition, symptôme et angoisse (1926).

[20] Freud. Nouvelles Conférences sur la Psychanalyse (1932).

[21] Freud. Un enfant est battu (1919)

[22] Rank. *Le traumatisme de la naissance* (1924).

Rank antecipa a de Lacan, mas Rank confunde a mãe com o objeto *a*. Lacan enfatiza que o nascimento é a separação não da mãe, e sim do objeto *a* que é a placenta[23]. Acrescentemos que Rank coloca como epígrafe uma frase de Nietzsche em que está posta a questão do famoso *melhor fôra não ter nascido* dos antigos! O trauma do nascimento se junta à maldição da palavra.

Em 1938, Lacan traça um inventário dos traumatismos genéricos como realidades que fundam os complexos: trauma do nascimento e do desmame; trauma da intrusão fraterna; trauma edipiano. A partir do desmame, esses traumas cedem lugar a uma solução dialética em que o simbólico intervém[24]. Em 1953, ao se referir à noção etológica de "impressão" (*Prägung*) responsável pelo efeito de *só-depois* (*Nachträglich*), ele retoma a questão do trauma no caso do *Homem dos Lobos* e enfatiza o rombo imaginário[25]. Trata-se de fixações imaginárias que não foram assimiladas pelo desenvolvimento simbólico. Em 1957, ele faz valer *o significante enigmático do trauma sexual.*[26, 27] A cena primitiva é considerada como um significante. Em 1960, o trauma é referido à opacidade do desejo do Outro, deixando o sujeito sem recurso (*Hilflosigkeit*)[28]. Em 1964, ele introduz o par *Tyché e Automaton*, fazendo do trauma um real inassimilável que procura transformar a homeostase significante[29]. Esse real vai do trauma à fantasia porque esta é uma espécie de tela que recobre o trauma. Esse percurso de Lacan, portanto, parte do trauma como realidade (desmame), passa pelo trauma como imaginário (*Prägung*) e depois como simbólico (significante enigmático), e, enfim, desemboca no trauma como real (*Tycké*). O mal encontro é o encontro, é a opacidade do desejo do Outro (*Che vuoi?*), o fato copulatório da sexualidade, a não-relação sexual como *troumatisme*[30], buraco no real[31].

A seqüência do ensino de Lacan nos incita a abordar o trauma como gozo. Em 1974, ele situa o sentido, o gozo fálico e o gozo do Outro em relação ao nó borromeano que enlaça Real, Imaginário e Simbólico[32]. O gozo do Outro está na interseção do Real com o Imaginário, lá onde o Imaginário passa por cima do Real com a ajuda do Simbólico e completa o enlace. Da mesma forma, o gozo fálico está lá onde o Real passa por cima do Simbólico com a ajuda do Imaginário. Enfim, o sentido surge onde o Simbólico passa por cima do Imaginário, tendo o Real como terceiro. Isso me levou à idéia de propor uma tripartição do trauma. Tal tentativa me parece justificável uma vez que Lacan não retomou a questão do trauma nesse período de seu ensino. Fica, assim, para nós a tarefa de inventar o saber que convém.

[23] Lacan. Position de l'inconscient (1964)

[24] Lacan. *Les complexes familiaux* (1938)

[25] Lacan. *Le Séminaire, livre I: les écrits techniques de Freud* (1953-4)

[26] Lacan. L'instance de la lettre dans l'inconscient (1957)

[27] Lacan. *Le Séminaire, livre V: les formations de l'Inconscient* (1957-8)

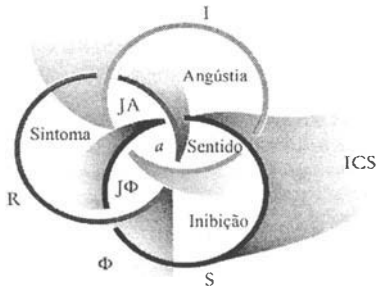
[28] Lacan. *Le Séminaire, livre VI: le désir et son interprétation.* (1958-9)

[29] Lacan. *le Séminaire, livre XI. Op.cit.*

[30] *Troumatisme*, neologismo forjado por Lacan a partir de *trou*, cujo significado é furo.

[31] Lacan. *Le Séminaire livre XXI, Les Non-dupes errant* (1973-4)

[32] Lacan. *Le Séminaire livre XXII, RSI* (1974-5)



Para introduzir a tripartição do trauma em sentido/ gozo do Outro/ gozo fálico, pode-se retomar os três tempos da fantasia do artigo *Bate-se numa criança*. O primeiro tempo, "meu pai bate no meu rival" faz valer o amor como preferência do pai: "ele bate no meu rival, portanto é a mim que ele ama". Trata-se do sentido como sentido gozado, em que podemos nos interrogar, caso a caso, sobre a carga traumática. O segundo tempo "meu pai me bate" põe em cena o gozo do Outro, genitivo subjetivo, como gozo sádico suposto ao pai e que vem em lugar da não-relação sexual e do não-gozo do Outro, genitivo objetivo. O terceiro tempo, "uma criança é batida", é um fantasma erótico masturbatório que remete ao gozo fálico. Esses três tempos gravitam ao redor do objeto *a* como *mais-de-gozar*.

Talvez possamos considerar o enlace borromeano como a construção da fantasia decorrente do trauma: o enlace limita o gozo ao fazer ficção/*fixão* do trauma tomado em sua tripartição Real, Imaginário e Simbólico. É dessa maneira que pode operar o trabalho de ligação descrito por Freud, trabalho por meio do qual o trauma se torna assimilável, mesmo que ao preço de um sintoma.

A fantasia complementada pelo sintoma é a resposta do neurótico ao gozo do trauma. Joyce, por outra via, reage aos golpes de bastão por um deixar cair a relação com o próprio corpo: sua imagem do corpo se desprende como uma pele[33]. O mesmo acontece com Louis Lambert, o herói de Balzac[34]. A resposta psicótica ao trauma não passa pela fantasia. O gozo do Outro, ao se tornar por demais real, passa sob o imaginário e não permite a amarração. Outras respostas ao trauma produzem esse curto-circuito da fantasia. Por exemplo, o *acting-out* ou a resposta psicossomática.

Ao fazer um diagnóstico de estrutura neurótica, sustentamos a hipótese de que a fantasia já respondeu ao trauma. Mas, ao mesmo tempo, a fantasia é aquilo que o tratamento constrói. Realismo e construtivismo não se opõem[35]. Logo, o tratamento é uma aposta no que diz respeito à possibilidade de

[33] Lacan. *Le Séminaire livre XXIII, Le Sinthome* (1975-6)

[34] Balzac. *Louis Lambert (1832).*

[35] Latour. *Petites réflexion sur le culte moderne dês dieux faitiches* (1996).

construção da fantasia e de sua travessia. Fazer ou não essa aposta remete à responsabilidade do analista.

A questão do trauma ocupa lugar cada vez maior no mal-estar da civilização. O pai sedutor denunciado por Catarina a Freud, no fim do século XIX, inscrevia a perversão no quadro da economia familiar[36]. As redes criminosas de pedofilia do fim do século XX têm a ver com o mercado generalizado. Se não existem outras leis além daquelas características de um mercado desregulado, se o Outro garante não existe[37], como evitar que a criança não seja reduzida a um mais-de-gozar? Na clínica de hoje, muitas vezes são as crianças que devem tomar para si a tarefa de introduzir a lei para limitar o gozo à deriva[38] dos adultos. Então, de duas coisas uma: ou a amarração do nó permanece possível, conforme o modelo de *Bate-se numa criança*, ou o gozo do Outro se encontra fora da cadeia, isto é, não é fixável pelo nó da fantasia.

[36] Freud e Breuer. *Études sur l'hystérie* (1895).

[37] Miller e Laurent. *L'Autre n'existe pas* (1987).

[38] Lacan. *Télévision* (1973)

TRADUÇÃO
Elisabeth Saporiti

REVISÃO
Dominique Fingermann
Sílmia Sobreira

referências bibliográficas

Balzac, Henri de. (1832). *Louis Lambert*. Paris: Gallimard, 1980.

Bloch O. e Von Wartburg, W. *Dictionnaire ethymologique de la Langue Française*. Paris: PUF, 1975.

Charcot, Jean-Martin. *Leçons sur les maladies du système nerveux*. Paris: Progrès Médical, 1890. Tome III.

Freud, Sigmund. (1892). Pour une théorie do attaque hystérique. In: *Résultats, idées, problèmes*. Paris: PUF, 1984.

Freud, Sigmund. (1896). Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense. In: *Névroses, psychoses et perversions*. Paris: PUF, 1973.

Freud, Sigmund. (1899). Sur lês souvenirs écrans. In: *Névroses, psychoses et perversions*. Paris: PUF, 1973.

Freud, Sigmund. (1918). Extrait de l'histoire d'une névrose infantile. In: *Cinq psychanalyses*. Paris: PUF, 1967

Freud, Sigmund. (1919). Introduction à la psychanalyse des névroses de guerre. In: *Résultats, idées, problèmes*. Paris: PUF, 1984.

Freud, Sigmund (1919). Un enfant est battu. In: *Névroses, psychoses et perversions*. Paris: PUF, 1973.

FREUD, Sigmund. (1920). Au-delà du príncipe de plaisir. In: *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1981.

FREUD, Sigmund. (1926). *Inhibition, symptôme et angoisse*. Paris: PUF, 1968.

FREUD, Sigmund. (1932). *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*. Paris: Gallimard, 1936

FREUD, Sigmund. *La naissance de la psychanalyse*, PUF, Paris 1969

FREUD, Sigmund e BREUER, Joseph. (1895). *Etudes sur l'hystérie*. Paris: PUF, 1967.

LACAN, Jacques. (1938). *Les complexes familiaux*. Paris: Navarin, 1984.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre I: Les écrits techniques de Freud* (1953-1954). Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. (1954). Réponse au commentaire de Jean Hyppolite. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. (1957). L'instance de la lettre dans l'inconscient. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre V: Les formations de l'inconscient* (1957-1958). Paris: Seuil, 1999.

LACAN, Jacques. (1964). Position de l´inconscient. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964). Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XVII: L'Envers de la psychanalyse* (1969-1970). Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire: Le désir et son interprétation* (1970). Inédito.

LACAN, Jacques. (1972). L'Étourdit. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2003.

LACAN, Jacques. *Télévision*. Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire XXI: Les non-dupes errant* (1973-1974). Inédito

LACAN, Jacques. *Le Séminaire XXII: RSI* (1974-1975). Inédito.

LACAN, Jacques. (1975-6). Le Séminaire, livre XXIII: Le Sinthome. In: *Ornicar?* Paris, n. 11,1977.

LASÈGUE, Charles. (1881). Les hystériques, leur perversité, leurs mensonges. In: *Écrits psychiatriques*. Toulouse: Privat, 1971.

LATOUR, Bruno. *Petite réflexion sur le culte moderne des dieux faitiches*. Paris: Synthélabo, 1996.

LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de la langue française*. Paris: Hachette, 1883.

MILLER, Jacques-Alain e LAURENT, Éric. (1987). *L'Autre qui n'existe pas*. Inédito.

OBHOLZER, K. *Entretiens avec l'Homme aux Loups*. Paris: Gallimard, 1981.

RANK, Otto. (1924). *Le traumatisme de la naissance* (1924). Paris: Payot, 1929.

resumo

O texto realiza um inventário do uso do termo "traumatismo", desde sua origem pré-psicanalítica, demonstrando como ele se torna um conceito para a neurologia do fim do século XIX, sendo apropriado por Freud já em suas primeiras formulações sobre a etiologia da histeria. Com isso, analisa, nos vários momentos da obra freudiana, a importância e as modificações operadas nesse conceito. O autor acompanha a retomada do conceito por Lacan, bem como faz uma proposta ousada de articular o nó borromeano (RSI) com a respectiva localização dos três tipos de gozo (do sentido, do fálico e do Outro) e os três tempos da construção da fantasia, tal como apresentado em "Bate-se numa criança".

palavras-chave

Traumatismo, trauma, fantasia, gozo, real, simbólico, imaginário, nó borromeano.

abstract

The text makes a retrospective for the utilization of the word traumatism, from its psychoanalytical birth, demonstration how it became a concept for neurology of the end of the 19th Century, being appropriated by Freud in his firsts formulations about the etiology of hysteria. It demonstrates, in many moments of Freudian work, the importance and the changes that happened to this concept.
The author follows the rebirth of the concept by Lacan making a daring proposal for articulating the borromean knot (RSI) with the respective localization of the three types of "jouissance" (of the sense, phallic and the Other's) with the three construction times for the fantasy as it appears in "Hits a child".

keywords

Traumatism, fantasy, "jouissance", real, symbolic, imaginary, borromean knot.

recebido
20/02/2005

aprovado
28/03/2005